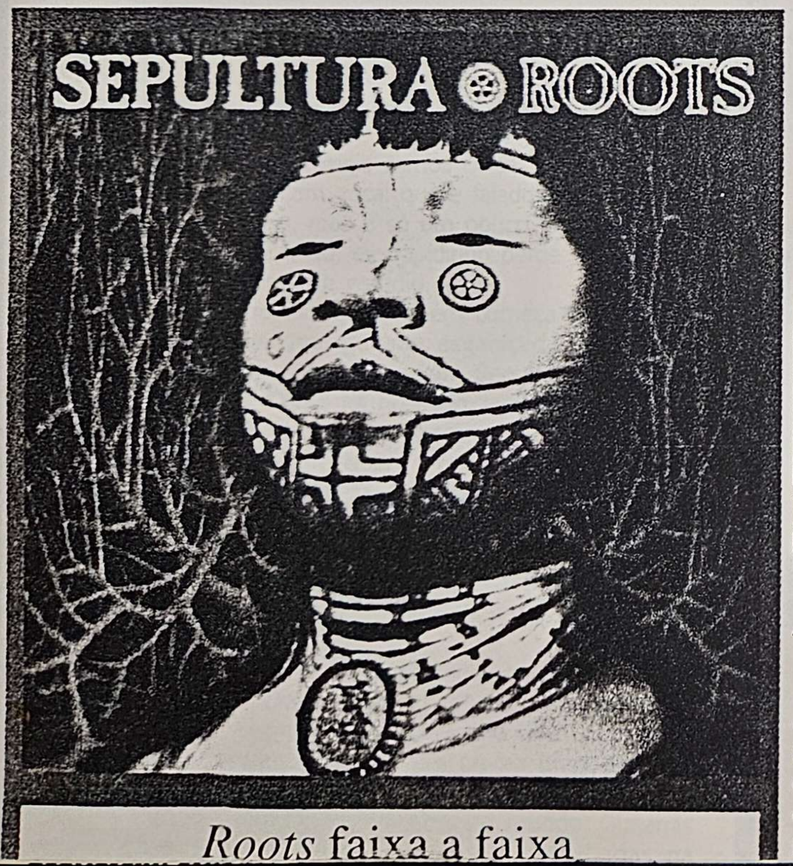
TRABALHO SUJO

Porque Alguém tem de fazê-lo

Alexandre Matias

O SEPULTURA é a banda de heavy metal mais importante do mundo. O novo disco da banda, *Roots*, lançado mundialmente hoje, sacramenta isso. Não que o quarteto mineiro seja a melhor banda (uma questão muito pessoal) ou a mais conhecida (algo que geralmente é inversamente proporcional à importância). O Sepultura é uma das poucas bandas do mundo a empurrar o metal para frente (sendo que a única banda que pode dividir esse pódio com o grupo é o Metallica, que está a quase quatro anos sem lançar nada novo). O disco novo funciona como um atestado que o metal pode - e deve - procurar novos rumos. E continuar sendo metal, sem essa palhaçada de samba metal ou rap metal.



Roots faixa a faixa

O disco novo do quarteto formado pelos irmãos Max (guitarra e vocais) e Igor Cavalera (bateria), Andreas Kisser (guitarra) e Paulo Júnior (baixo) foi gravado no ano passado em Malibu, na California, sob a batuta do produtor Ross Robinson (que já produziu o Korn). O disco explica ao resto do mundo o que é o Sepultura e foi batizado com esse nome (*Roots* quer dizer *Raízes*) em homenagem à primeira década da banda.

Kevin Estrada

O encontro da guitarra com os timbales: Paulo Júnior, Andreas Kisser, Max, Carlinhos Brown e Igor Cavallera.

Mas embora possa parecer um tanto forçado, a leitura sepulturiana do tema raízes passa longe da nostalgia ou de qualquer outra pieguice. Ela pode ser resumida em uma frase - "não esqueça de onde você veio". Ou "nunca cuspa no prato em que comeu". E com olhos voltados para o futuro,

Michael Grecco

À S VÉSPERAS do lançamento de *Roots*, pouco antes d Hollywood Rock, o baterista Igor Cavalera deu às caras p aqui para acertar uns detalhes do disco. **Trabalho Suj** encontrou Igor em um quarto no hotel Crowne Plaza, er São Paulo, onde o baterista falou do disco novo, da grava ção e de fazer parte de uma das bandas mais importante do Brasil.

Trabalho Sujo - *Recentemente, em entrevista à revis ta* Showbizz, *o Max disse que o novo disco tiraria o grupo do mundinh metal. Você concorda?*

Igor Cavalera - Olha, esse tipo de coisa é foda, cara. Eu não vi Max falando isso, nem conversei com ele sobre isso, mas tenh certeza que ele não quis dizer isso. Esse negócio de entrevista é fod por causa disso. Perguntam como é que o sujeito tá e ele diz que t cansado não quer mais saber de nada, de trabalho, de mulher e n outro dia aparece na manchete "Fulano não gosta de mulher!" (*r sos*). Nêgo tira a frase totalmente de contexto. É engraçado, ma você sabe, é assim que acontece. Tem jornalista que só pensa er conseguir furo, nada a ver.

Trabalho Sujo - *Mas* Roots *é um disco além do metal?*

Igor - Não sei. **O que é metal, hoje?** *Roots* é um disco que a gent gostou de fazer. Muita gente vai achar metal pra caralho, muita gent vai achar que a gente quer sair do metal. Mas a gente quis que foss uma volta às raízes, um disco que mostrasse o que a gente é . **Se m perguntassem qual é o gênero de *Roots*, eu diria "Sepultura"**

Trabalho Sujo - *Mas existe essa preocupação de misturar estilos*

Igor - Existe, mas é natural. A gente não senta e fala, "olha vamo misturar isso com isso". Desde o primeiro disco que a gente se tran ca num quarto e dá porrada um nos outros até sair do jeito que gente acha que tá legal. Com o passar do tempo, a gente vai tend contato com outras tendências, outros estilos, e acaba influindo n seu estilo. Assim, quando você leva pro estúdio, é seu.

Roots faixa a faixa

Roots Bloody Roots - Raiva comprimida em acordes básicos e violentos. É a melhor apresentação para quem quiser saber o que é o Sepultura hoje. Toques de percussão margeiam um violento trabalho de guitarras nessa música cuja estrutura lírica lembra o Lard, de Jello Biafra (isto é, Dead Kennedys + Ministry + rap + thrash).

Attittude - Começa com um berimbau (tocado pelo Max - e bem!), até que a guitarra assume a função do instrumento afro. Um canto com um diregidoo (instrumento aborígene australiano). A dupla Cavalera mostra que é a melhor no que faz: Max canta com insanidade o suficiente para deixar Mike Patton morrendo de inveja, enquanto Igor assume as baquetas mais violentas e inovadoras do metal.

Spit - Distorção para todos os lados e, de repente, hardcore que descamba num metal. Fudidaço.

Ratamahatta - A música com o Carlinhos Brown. Percussão assustadora, guitarra pesadaça, um puta trabalho de estúdio para um encontro nada comum. Brown e Cavalera se entendem graças às tríades "favela, garagem, pipoca" e "fubanga, maloca, bocada" bradadas no início. "Vamo detoná essa porra!", berra o vocalista mais porradeiro do país. Quase uma jam session, a música leva o Sepultura pra lugares muito além. Mas sem deixar de ser o que é, isto é, o Sepultura. Fico imaginando o sorriso que não despontaria no meio da cara do Chico Science, a hora que ele ouvir essa faixa.

Breed Apart - A levada meio samba do início transforma-se rapidinho num thrash com vocal quase falado. No meio volta o berimbau e o molejo, mas é só um pouco. Se o Max continuar berrando desse tanto, ele rapidinho perde a voz. Muita sujeira e muitos efeitos de estúdio.

Straighthate - Limpinha, ela também começa com percussão e continua com uma guitarra esganiçada, ganindo as microfonias agudaças. Depois cai num Sepultura tradicional, com efeito no vocal. Ótimo riff no meio, lembrando Metallica, numa das faixas mais longas do disco.

Cut Throat - O futuro do heavy metal.

Lookaway - Lenta, arrastada, pesada, falada, a faixa mais longa de *Roots* é também a mais assustadora. Muitos efeitos de estúdios e vocais que parecem haver saído do além.O DJ Lethal assina a programação da bateria eletrônica e os vocais ficam a cargo de Mike Patton (FNM) e Johnnattan Davis (Korn), que também assina a letra.

Born Stubborn - No começo, parece uma faixa do disco anterior, *Chaos A.D.*. Depois parece um Faith No More safra *King for a Day....* Vocais indígenas dão uma dica do vem aí.

Endangered Species - Pesada, um pé no Black Sabbath outro no Sepultura tradicional. E o nome do baterista é Igor Cavalera - anota aí, um dos melhores do mundo. Guitarras gravadas em equipamentos decanos e trabalhadas na

bora possa parecer um tanto forçado, a leitura sepulturiana do tema raízes passa longe da nostalgia ou de qualquer outra pieguice. Ela pode ser resumida em uma frase - "não esqueça de onde você veio". Ou "nunca cuspa no prato em que comeu". E com olhos voltados para o futuro, essa temática toma proporções assustadoras. Primeiro, a banda não fala de outra coisa senão da própria realidade. Segundo, os elementos incorporados ao disco são os mais díspares possíveis, com instrumentos afro, hardcore, metal tradicional, thrash podreira, violões, Carlinhos Brown, Mike Patton (vocalista do Faith No More), DJ Lethal (do House of Pain) e uma tribo Xavante inteira! A versão nacional ainda conta com dois bônus tracks, uma versão de *Procriation of the Weaked*, do Celtic Frost, e *Symptom of the Universe*, do Black Sabbath (já incluída no tributo *Nativity in Black*). Ou você tá pensando que o Sepultura vai abandonar suas raízes? (E se você já tá babando, ainda tem uma jam sessiom com o Mike Patton chamada *Mine* e cover de *War* do Bob Marley que foram gravadas para o disco mas que não entraram).

Michael Grecco

Cara-pálida quem, eu? Sepultura também é antropologia.

Gloria Cavalera

Max Cavalera gravandô!

Trabalho Sujo dedica a edição de hoje à principal banda brasileira no exterior, com uma entrevista exclusiva com Igor Cavalera, o disco comentado faixa a faixa, o lançamento em CD dos primeiros discos da banda (*Bestial Devastations, Morbid Visions* e *Schizophrenia*).

Gravadora resgata primórdios da banda

"ERA UMA VEZ quatro moleques que moravam em Belo Horizonte e tocavam numa banda de death metal chamada Sepultura. Depois de lançarem alguns discos por uma gravadora independente local, os garotos começaram a ficar conhecidos no exterior, assinaram com uma multinacional, venderam rodos de di-

Trabalho Sujo - *Mas existe essa preocupação de misturar estilos*

Igor - Existe, mas é natural. A gente não senta e fala, "olha vamo misturar isso com isso". Desde o primeiro disco que a gente se trar ca num quarto e dá porrada um nos outros até sair do jeito que gente acha que tá legal. Com o passar do tempo, a gente vai tend contato com outras tendências, outros estilos, e acaba influindo n seu estilo. Assim, quando você leva pro estúdio, é seu.

Trabalho Sujo - *Defina esse disco. Não vale dizer "Sepultura".*

Igor - (*ri e fica sério*) É um disco pesado, pra caralho, muito pesado. Eu acho que é não-comercial pra cacete. O Max tá cantando mai esgoelado, o instrumental tá milhões de vezes mais pesado.

Trabalho Sujo - *É um disco viável?*

Igor - Comercialmente não, definitivamente. Pode ser que toque na MTV, porque a gente é o Sepultura, mas **não é um disco fácil** Mas quem é fã de Sepultura vai gostar. Acho.

Trabalho Sujo - *Verdade que vocês fizeram cover de Bob Marley?*

Igor - *War*, mas não vamos lançar no disco, provavelmente num single ou B-side. Mas é muito diferente, do original tem basicamente a letra, que é o que o Max gostou.

Trabalho Sujo - *Por falar nisso, o que você tem ouvido?*

Igor - Eu sempre escuto coisa pra caralho. Deixa eu ver (*pega um porta-CDs perto do aparelho de som*): Brujeria, esse disco novo tá muito bom; Clutch, que é uma banda de Washington; Down, do Phil Anselmo; Boo-Ya T.R.I.B.E.; House of Pain; Dead Kennedys; Ziggy Marley, eu gosto de reggae pra caralho; Mighty Might Bosstones; os CDs de covers do Ratos; Ratos é muito bom; Raimundos novo; o Titãs novo, apesar de tá meio pop; o Muzzarelas; o Party Up...

Trabalho Sujo - *Que fim deu o Party Up?*

Igor - Com o fim do Banguela, os caras ficaram sem gravadora, mas acho que eles devem tá assinando com alguém em breve.

Trabalho Sujo - *Foi sua primeira produção. Como foi?*

Igor - Foi bem legal. Os moleques vieram ensaiadinhos, com tudo pronto. Só tiveram o trabalho de gravar mesmo. Quanto à produção, eu só precisei de um técnico, um engenheiro de som.

Trabalho Sujo - *E quando é que você tem tempo pra ouvir isso?*

Igor - Em casa. Eu nunca escuto nada depois de fazer um show. Pode tá a maior balada e o escambau, mas eu não quero saber de música. Mas meu irmão é maluco, acaba o show, ele põe o fone no ouvido com hardcore no último volume. Um dia desses, o cérebro dele derrete.

Trabalho Sujo - *Como foi o contato com o Carlinhos Brown?*

Igor - Conhecemos ele no MTV Video Music Awards e topamos fazer alguma coisa junto. **O (*Carlinhos*) Brown é muito bom, o cara tem uma concepção de música que vai muito além.** E acho que ele achou o mesmo da nossa. O resultado tá no disco, é quase um improviso.

Trabalho Sujo - *E com os índios Xavantes?*

Igor - O primeiro contato que tivemos com a cultura indígena foi basicamente externo, quando gravamos *Kaiowas*. Mas para esse disco, queríamos algo novo, queríamos os índios. Mas não foi nada no estilo Sting. Fomos pra onde os caras tavam, vivemos como índios três dias e entendemos a cultura dos caras. Gravamos tudo com bateria de caminhão, não dava pra usar gerador porque faz muito

ficam a cargo de Mike Patton (FNM) e Johnnattan Davis (Korn), que também assina a letra.

Born Stubborn - No começo, parece uma faixa do disco anterior, *Chaos A.D.*. Depois parece um Faith No More safra *King for a Day*.... Vocais indígenas dão uma dica do vem aí.

Endangered Species - Pesada, um pé no Black Sabbath outro no Sepultura tradicional. E o nome do baterista é Igor Cavalera - anota aí, um dos melhores do mundo. Guitarras gravadas em equipamentos decanos e trabalhadas na mixagem dão um tom cru que a percussão do meio da música assume de vez. Também tem Carlinhos Brown. E ouvir Max bradando "Lies! Lies! Lies!" como se o pulmão e a garganta fossem de borracha é de arrepiar a espinha. Com certeza essa faixa deve ser o xodó do produtor, Ross Robinson.

Jasco - Violão com ares de clássico, a cargo de Andreas. Uma *Laguna Sunrise* menos brega (ou mais raiz, se preferir). Uma faixa de transição entre a eletricidade e o acústico.

Itsari - A canção do ritual para a cura do mundo dos índios Xavantes com a participação dos violões e percussão do Sepultura. *Kaiowas*, do disco anterior, era melhor (sente-se a falta da viola caipira), talvez porque não era tão esperada quanto essa. Mas as vozes indígenas dão o espírito e a força que a outra música precisava. Uma música forte.

Ambush - Guitarras com origens orientais se entrelaçam e caem num Sepultura tradicional. No meio da música flautas, batuques e uma guitarra meio berimbau se misturam. Foi gravada ao vivo num canyon vizinho do estúdio.

Dusted - Thrash com muitos efeitos.

Dictatorshit - Hardcore podrão.

Max Cavalera gravando!

Gravadora resgata primórdios da banda

"ERA UMA VEZ quatro moleques que moravam em Belo Horizonte e tocavam numa banda de death metal chamada Sepultura. Depois de lançarem alguns discos por uma gravadora independente local, os garotos começaram a ficar conhecidos no exterior, assinaram com uma multinacional, venderam rodos de discos, foram elogiados por quase todo mundo que importa (Jello Biafra, Ministry, Pantera, Faith No More, Motörhead, Ramones, Ozzy), viraram chapas de uns bacanas gringos (Max montou o Nailbomb com o Alex Newport, do Fudge Tunnel, e Andreas tem uma banda de palhaçada com o Jason Nestwed, do Metallica, chamada Quarteto da Pinga - em português mesmo) e hoje são a banda mais importante de heavy metal do mundo".

Esse aparente conto de fadas do rock'n'roll, que poderia ser batizado de "A Balada do Sepultura", realmente aconteceu e deu no que deu. Agora, se você quer conhecer o que ocorreu na época BH do grupo (quando eram artistas da já lendária gravadora Cogumelo), eis uma boa chance. É que a gravadora Velas (tradicionalmente MPB e música instrumental) se juntou com a Cogumelo e lançou os três primeiros discos dos caras em CD. Se você já conhece, é uma chance de ouvir o Sepultura no comecinho sem precisar lidar com aqueles bolachões.

O primeiro disco, *Bestial Devastations*, é na verdade um EP, pois foi lançado num *split* (cada banda com um lado do disco) com o Overdose em 85. O primeiro disco pra valer da banda é o clássico *Morbid Visions*, do ano seguinte. Clássico na carreira do Sepultura e clássico do death metal, bem entendido. Da leva, o que realmente importa é o ótimo *Schizophrenia*. Lançado no mesmo ano em que o país engolia o RPM goela abaixo, o disco traz a banda procurando novos rumos em faixas como *Escape From The Void* e a instrumental *The Abyss* e ainda conta com a estréia do guitarrista Andreas Kisser. O resto é história...

um improviso.

Trabalho Sujo - *E com os índios Xavantes?*

Igor - O primeiro contato que tivemos com a cultura indígena foi basicamente externo, quando gravamos *Kaiowas*. Mas para esse disco, queríamos algo novo, queríamos os índios. Mas não foi nada no estilo Sting. Fomos pra onde os caras tavam, vivemos como índios três dias e entendemos a cultura dos caras. Gravamos tudo com bateria de caminhão, não dava pra usar gerador porque faz muito barulho. Ficou o Max e o Andreas com violões e o Paulo e eu com instrumentos de percussão. Eles tocaram uma música que faz parte do ritual de purificação da Terra, mas não do solo, do planeta inteiro. Eles acham que a Terra está doente, com razão, e rezam para curar. É muito bonito. Muito forte. A ligação dos caras com a natureza é do caralho. Se você quer comer, cace, se quiser dormir, durma, se quiser beber, beba. A música chama-se *Itsari*, que significa origem. Queríamos algo que tivesse a ver com o título do disco.

Trabalho Sujo - *Hoje o Sepultura é um referencial. Já apareceu alguma banda que dissesse fazer um som no estilo Sepultura?*

Igor - Já, já. Aqui no Brasil tem várias. Mas lá fora, quem se liga nisso são os críticos. O Machine Head foi comparado com a gente.

Trabalho Sujo - *Vivendo entre artistas, vocês já conheceram todo mundo que queriam?*

Igor - Já. Eu já, pelo menos. O Ozzy.. O Paul Stanley, do Kiss, deu a mão pro Paulo beijar e ele ficou putaço! Gostei de cruzar com o cara do Hellhammer um dia chegou pra mim e pro Max e disse "olha cara, eu conheço vocês desde o primeiro disco, quando vocês usavam camisa do Hellhammer e todo mundo malhava a gente. Toma esses discos, só tem os dois no mundo". Eu e o Max caímos pra trás. E o Hellhammer é do caralho!

20h00 - Coyote Amarelo
20h50 - Rede Cidade Sudeste
21h00 - Jornal Bandeirantes
21h30 - Pré-Olímpico - Argentina x Colômbia
20h00 - Sangue do Meu Sangue
20h50 - Copa do Brasil - ABC (RN) X Corinthians
22h45 - Sangue do Meu Sangue
23h30 - Jornal do SBT
20h00 - Solbrain
20h30 - Canal 100
20h35 - Jornal da Manchete
21h45 - Tocaia Grande
22h45 - Câmera Manchete
na TV Brasil/SBT, EUA, 83. Direção: John Landis. Com Dan Aykroyd, Eddie Murphy, Ralph Bellamy, Dois irmãos milionários, Robertson Joel Grey Dorothy
na Gazeta/CNT, EUA, 74. Direção: Frank Perry. Com Cliff (Man On A Swing) - 20h